

PRIMEIRA PARTE

No século XVIII viveu em França um homem que se inseriu entre os personagens mais geniais e mais abomináveis desta época que, porém, não escasseou em personagens geniais e abomináveis. É a sua história que será contada nestas páginas. Chamava-se Jean-Baptiste Grenouille e se o seu nome, contrariamente aos de outros grandes facínoras de génio, como, por exemplo, Sade, Saint-Juste, Fouché, Bonaparte, etc., caiu hoje em dia no esquecimento, tal não se deve por certo a que Grenouille fosse menos arrogante, menos inimigo da Humanidade, menos imoral, em resumo, menos perverso do que os patifes mais famosos, mas ao facto de o seu génio e a sua única ambição se cingirem a um domínio que não deixa traços na História: ao reino fugaz dos odores.

Na época a que nos referimos dominava nas cidades um fedor dificilmente imaginável para o homem dos tempos modernos. As ruas tresandavam a lixo, os saguões tresandavam a urina, as escadas das casas tresandavam a madeira bolorenta e a caganitas de rato e as cozinhas a couve podre e a gordura de carneiro; as divisões mal arejadas tresandavam a mofo, os quartos de dormir tresandavam a reposteiros gordurosos, a colchas bafientas e ao cheiro acre dos bacios. As chaminés cuspiam fedor a enxofre, as fábricas de curtumes cuspiam o fedor dos seus banhos corrosivos e os matadouros o fedor a sangue coalhado. As pessoas tresandavam a suor e a roupa por lavar; as bocas tresandavam a dentes podres, os estômagos tresandavam a cebola e os corpos, ao perderem a juventude, tresan-

davam a queijo rançoso, leite azedo e tumores em evolução. Os rios tresandavam, as praças tresandavam, as igrejas tresandavam e o mesmo acontecia debaixo das pontes e nos palácios. O camponês cheirava tão mal como o padre, o operário como a mulher do mestre artesão, a nobreza tresandava em todas as suas camadas, o próprio rei cheirava tão mal como um animal selvagem e a rainha como uma cabra velha, quer de Verão quer de Inverno. Isto porque neste século XVIII a actividade destrutiva das bactérias ainda não encontrara fronteiras e não existia, assim, qualquer actividade humana, quer fosse construtiva ou destrutiva, qualquer manifestação da vida em germe ou em declínio, que estivesse isenta da companhia do fedor.

E era, naturalmente, em Paris, que o fedor atingia o índice mais elevado, na medida em que Paris era a maior cidade da França. E no seio da capital existia um lugar onde o fedor reinava de uma forma particularmente infernal, entre a Rua aux Fers e a Rua de la Ferronnerie, na realidade, o Cemitério dos Inocentes. Durante oitocentos anos, tinham-se transportado para lá os mortos do Hôtel-Dieu e os das paróquias vizinhas; durante oitocentos anos havia-se trazido até ali, dia após dia, em carroças, os cadáveres que eram atirados às dúzias para fundas valas; durante oitocentos anos, havia-se acumulado camadas sucessivas de ossos nas carneiras e ossuários. E foi só mais tarde, em vésperas da Revolução Francesa, quando algumas destas valas comuns se abateram perigosamente e o fedor deste cemitério a abarrotar desencadeou entre os habitantes das margens do rio não apenas protestos mas verdadeiros motins, que acabaram por encerrá-lo e esvaziá-lo, tendo sido os milhões de ossos e crânios empurrados à pá na direcção das catacumbas de Montmartre e construído um mercado, em sua substituição, neste local.

Aqui, no sítio mais fedorento de todo o reino, nasceu Jean-Baptiste Grenouille, a 17 de Julho de 1738. Foi um dos dias mais quentes do ano. O calor pesava como chumbo sobre o cemitério, projectando nas ruelas vizinhas o seu bafo pestilento, onde se misturava o cheiro a melões apodrecidos e a trigo queimado. Quando começou com as dores de parto, a mãe de Grenouille encontrava-se de pé, atrás de uma banca, na Rua aux Fers, a escamar as carpas que

acabava de estripar. Os peixes, supostamente pescados no Sena nessa mesma manhã, já cheiravam pior do que um cadáver. A mãe de Grenouille não distinguia, no entanto, entre o cheiro a peixe e o de um cadáver, na medida em que o seu olfacto era extraordinariamente insensível aos cheiros, e, além disso, a dor que lhe apunhalava o ventre eliminava toda a sensibilidade às sensações exteriores. Apenas desejava que a dor parasse; desejava pôr termo o mais rapidamente possível a este repugnante parto. Era o seu quinto. Todos os outros se haviam verificado atrás desta banca de peixe e sempre se tratara de nados-mortos, ou quase, porque a carne sanguinolenta que dela se escapava não se diferenciava grandemente das miudezas de peixe que juncavam o solo, e também não possuía, além disso, muito tempo de vida; à noite, tudo era varrido a trouxe-mouxe e levado nas carroças, em direcção ao cemitério ou ao rio. Era o que deveria passar-se, uma vez mais, naquele dia e a mãe de Grenouille, que ainda era jovem, vinte e cinco anos feitos, que ainda era bonita, que conservava quase todos os dentes e tinha ainda cabelos e que, independentemente da gota, da sífilis, e de uma leve tuberculose não sofria de qualquer doença grave, que esperava viver ainda muito tempo, talvez cinco ou dez anos, e talvez até mesmo casar um dia e ter verdadeiros filhos na qualidade de respeitável esposa de um artesão viúvo (por exemplo)... a mãe de Grenouille desejava que tudo já tivesse acabado. E quando as dores de parto se fixaram, agachou-se, deu à luz debaixo da sua banca de peixe tal como das vezes anteriores e cortou com a faca de peixe o cordão umbilical do recém-nascido. Em seguida, porém, e devido ao calor e ao mau cheiro que ela não apercebia como tal mas como algo de insuportável e estonteante — um campo de lírios ou uma divisão demasiado pequena a transbordar de junquinhos —, desmaiou e caiu para o lado e rolou debaixo da banca até ao meio da rua, onde ficou estirada com a faca na mão.

Gritos, correrias, a multidão de basbaques à roda e alguém que vai chamar a Polícia. A mulher mantém-se prostrada no chão com a faca na mão e volta lentamente a si.

Perguntam-lhe o que se passou.

— Nada.

E o que faz ali com a faca?

— Nada.

E de onde vem o sangue que lhe corre por baixo das saias?

— Dos peixes.

Ela levanta-se, atira a faca para o lado e afasta-se para se lavar.

Mas eis que, contra todas as expectativas, a coisa por baixo da banca de peixe põe-se a chorar. As pessoas acorrem, e, sob um enxame de moscas, no meio das tripas e cabeças cortadas de peixe, descobre-se e liberta-se o recém-nascido. As autoridades entregam-no a uma ama e a mãe é presa. E dado que ela não hesita em confessar que certamente teria deixado morrer o fedelho como já fizera, aliás, com os outros quatro, abrem-lhe um processo, é condenada por vários infanticídios, e, algumas semanas mais tarde, cortam-lhe a cabeça na Praça de Grève.

Nesta altura, a criança já tinha mudado três vezes de ama. Nenhuma delas quisera conservá-la mais do que uns dias. Afirmavam que ele era guloso demais, mamava por dois, tirava o leite da boca dos outros recém-nascidos e o pão da boca das amas, na medida em que uma amamentação rentável era impossível com um único recém-nascido. O oficial da polícia encarregado deste caso, um tal La Fosse, começava a ficar farto e já estava disposto a mandar a criança para um centro de reagrupamento de enjeitados e órfãos, situado ao fundo da Rua Saint-Antoine, de onde partiam diariamente bandos de crianças destinadas ao grande orfanato estatal de Ruão. Na medida, porém, em que estes transportes eram efectuados por carregadores de cestos de ráfia, onde, para uma maior rentabilidade, se metiam até quatro recém-nascidos; (como, por conseguinte, a taxa de falecidos pelo caminho era extraordinariamente elevada) como, por este motivo, os carregadores tinham por missão preocuparem-se somente com os recém-nascidos que fossem baptizados e estivessem munidos de um bilhete de transporte conforme as leis e que devia ser visado à chegada a Ruão, mas como a criança Grenouille não era baptizada nem, aliás, possuidora de um nome que pudesse constar num bilhete de transporte conforme a lei, e como, por outro lado, era inimaginável que a Polícia abandonasse anonimamente uma criança, colocando-a à porta do centro de reagrupamento, o que seria a única maneira de eliminar as restantes formalidades, numa palavra, devido a toda uma série

de dificuldades burocráticas e administrativas que a expedição do bebê aparentemente levantava, e porque, além disso, o tempo urgia, o oficial de polícia La Fosse optou por renunciar a pôr em prática a sua primeira decisão e deu instruções para que se entregasse esse rapazinho a qualquer instituição religiosa, a troco de um recibo, para que o baptizassem e tomassem decisões quanto ao seu futuro. Conseguiram depositá-lo no Convento de Saint-Merri, na Rua Saint-Martin. Recebeu o baptismo e o nome de Jean-Baptiste. E dado que, nesse dia, o prior se encontrava de bom humor e dispunha ainda de fundos para as obras de caridade, a criança não foi enviada para Ruão, mas ficou às custas do convento. Confiaram-na, assim, a uma ama chamada Jeanne Bussie na Rua Saint-Denis, e, até nova ordem, concederam três francos por semana a essa mulher.